

Mediocridade do ensino

AFRÂNIO COUTINHO

E de superficial observação é fato de que o nosso ensino médio, antigo secundário, está atravessando uma fase negra. O reformismo que ataca as nossas autoridades educacionais através das sucessivas modificações nos últimos cinquenta anos só tem trazido prejuízos a nossa educação, cada qual fazendo descer mais o nível do aprendizado e do aproveitamento da juventude.

É evidente que a crise do ensino médio está diretamente relacionada com a do superior, devido à má formação do professorado em todas as especializações. As nossas faculdades sofrem atualmente da queda de qualidade do professorado, graças ao domínio de padrões de incompetência e acesso fácil ora estimulado por dispositivos incompatíveis com uma boa profissionalização e qualificação adequadas, inclusive pelo baixo padrão de salário, insuficiente à própria manutenção e desestimulante ao aperfeiçoamento intelectual.

Por essa e outras razões o ensino de segundo grau decaiu profundamente em qualidade. Esse problema da queda de nível do ensino de segundo grau não é, aliás, fato apenas brasileiro. Nos últimos anos, têm surgido diversos trabalhos ou pareceres nos Estados Unidos, estigmatizando deficiência semelhante e procurando estudar as suas causas. Um desses documentos — *A Nation at risk* (1984), da Comissão Nacional pela Excelência da Educação, dirigido às altas autoridades educacionais do país, prega como um imperativo a reforma educacional, afirmando que “pela primeira vez na história do país o preparo educacional de uma geração não igualará, nem mesmo se aproximará, do de seus pais”. Este e outros trabalhos são unânimes em apontar a necessidade de levar o ensino secundário a toda a população do país e de um ensino de qualidade. Qualidade e igualdade de acesso — eis os princípios em que se baseiam os pronunciamentos dos estudiosos e observadores do assunto.

Uma das razões apontadas é o desinteresse pelo ensino secundário por parte de universidades e professores. Todos falam na profissionalização dos docentes e melhoria dos seus salários, e na organização da carreira de magistério secundário. Afirmam que é a qualidade da vida nacional que depende do nível educacional, acentuando o grande potencial que representa a juventude do País para o seu futuro como nação e para o seu desenvolvimento, organização e estabilidade sociais. Estamos sem um homem médio bem aparelhado intelectualmente, bom profissional e bom cidadão, com capacidade produtiva, espírito comunitário, podendo permanecer apenas com o ensino secundário. Entre nós criou-se a mística do ensino superior, como se fosse dado a todos os habitantes de uma nação possuir diplomas superiores, como se as profissões médias não tivessem também a sua dignidade e utilidade públicas.

Assim, o que importa é um ensino de segundo grau composto de disciplinas “básicas”, de “formação” humana, que possa conduzir o jovem, inclusive, a uma especialidade ou profissão média ou superior. O essencial é que a sua estrutura exista contra a mediocridade, em favor da qualidade, pois nenhuma nação pode progredir sem a qualidade humana, que é a fonte da liberdade pessoal, social e nacional.